

A FÁBULA, A PERVERSIDADE E A POSSIBILIDADE DO TURISMO E DAS CIDADES TURÍSTICAS: UMA ANÁLISE DO ABC TURÍSTICO DAS BAIXADAS LITORÂNEAS DO RIO DE JANEIRO.

Felipe de Souza Ramão¹
Marcos Vinícius Nascimento de Melo²

RESUMO: O turismo é uma atividade econômica com expansão crescente a partir do século XX, sendo atividade principal ou complementar de inúmeras cidades do mundo. Além disso, o turismo deve ser compreendido a partir da produção do espaço e pelas relações sociais. Ciente desses elementos, o artigo propõe uma análise do turismo e das cidades turísticas, inspirada em Milton Santos (2001), identificando e analisando a fábula, a perversidade e a possibilidade, tendo como ênfase o ABC turístico das Baixadas Litorâneas do Rio de Janeiro – Arraial do Cabo, Búzios e Cabo Frio, a partir de uma revisão bibliográfica, análise de dados e trabalhos de campo.

Palavras-chave: Turismo, produção capitalista do espaço, impactos sociais.

GT –17 – Urbanização, turismo e lazeres

1.INTRODUÇÃO

No livro “Por uma outra Globalização – do pensamento único à consciência universal” Milton Santos (2001) constrói uma análise original sobre a Globalização, compreendendo enquanto processo do capitalismo, e atribuindo uma análise triádica, onde define a globalização como fábula, a globalização como perversidade e a globalização como possibilidade. Essa interpretação promove uma importante reflexão de como os processos do capitalismo podem estar relacionados a uma produção ideológica, que constrói realidades ilusórias estrategicamente para reforçar uma estrutura de extrema desigualdade e o domínio da classe dominante; mostra como a crítica é de fundamental importância para desvendar esses processos ideológicos; e, finalmente, aponta a existência de espaços de esperança, de possibilidades, de alternativas para a globalização.

Utilizaremos os elementos teóricos e metodológicos da análise de Santos (2001) para compreender o turismo, sobretudo, seu processo de desenvolvimento a partir do século XX e suas múltiplas relações, estabelecendo sempre a conexão do turismo com o capitalismo, ao mesmo tempo avaliando os processos que são especificamente do turismo capitalista e processos gerais do capitalismo. Compreende-se o turismo a partir de três pilares: [I] a

¹ Doutorando em Políticas Públicas e Formação Humana PPFH UERJ. Mestre em Geografia UERJ FFP. Professor das Redes Públicas de Ensino Básico de Cabo Frio (RJ) e Araruama (RJ).

² Mestrando em Geografia UFF Campos dos Goytacazes. Professor das Redes Públicas de Ensino Básico de Carapebus (RJ) e SEEDUC RJ.

economia do turismo, que representa hoje parte do PIB de países desenvolvidos e subdesenvolvidos, que se relaciona diretamente com o setor de serviços, com diversas atividades econômicas e produtivas, interpretando os fluxos de turistas enquanto consumidores e os espaços turísticos enquanto mercadorias; [II] a urbanização turística, ou seja, as marcas espaciais da economia do turismo, no que tange fundamentalmente a produção e reestruturação do espaço para fins turísticos ou de apoio ao turismo; [III] as relações sociais provenientes do turismo, no que se refere à experiência no espaço turístico, que de fato é diversa, mesmo se tratando da mesma cidade, e, também a relação entre o turista e o residente.

O turismo aparece como fábula, tanto na produção da necessidade do lazer e descanso com seus inúmeros produtos, da produção da propaganda das cidades turísticas, quanto na ideia de ser uma atividade com sustentabilidade econômica e ambiental. Torna-se perversidade a partir do planejamento, da produção do espaço e dos inúmeros efeitos sociais, econômicos, culturais e ambientais, causando inclusive movimentos de repulsa, visto em análises do “overtourism” e da “turismofobia”, por exemplo. Contudo, é possível pensar em possibilidades para o turismo e, sobretudo para as cidades turísticas, ciente que o turismo meramente não será capaz de produzir mudanças radicais, mas sim um novo projeto de desenvolvimento onde o turismo faça parte, e que visam superar um modelo de turismo de mercado.

A metodologia está dividida em: revisão bibliográfica acerca do turismo, da produção capitalista do espaço, e, obviamente com o destaque para a leitura de Milton Santos sobre globalização, adaptada para o turismo; a coleta de dados socioeconômicos, indicadores de desenvolvimento, dados específicos do turismo, além de outros dados importantes para o estudo, e trabalhos de campo, que foram importantes para aprofundar análises e compreender dados.

Como espaço de análise, tem-se o ABC turístico das Baixadas Litorâneas do Rio de Janeiro – o eixo Arraial do Cabo, Búzios³ e Cabo Frio, que tem repercussão nacional e está localizado no interior do estado do Rio de Janeiro. A partir da segunda metade do século XX o turismo cresce de forma gradativa, contando com a produção expressiva de residências secundárias, que passam a assumir grandes parcelas em relação aos domicílios totais,

³ O município conhecido internacionalmente como Búzios – cidade do interior fluminense – é na verdade registrado como Armação dos Búzios.

ganhando força econômica e produzindo transformações sociais, culturais e ambientais, além de alterar profundamente as relações sociais. Esses espaços apresentam belas praias, uma laguna de expressão regional, campo de dunas, espaços verdes, altas temperaturas durante principalmente o verão, e uma crescente infraestrutura que ora atende com eficiência a demanda, ora encontra limitações e obstáculos

2. O ABC TURÍSTICO DAS BAIXADAS LITORÂNEAS DO RIO DE JANEIRO

Nomeamos como ABC turístico por entender a relação próxima e de destaque das cidades em relação à atividade turística (economia do turismo), pelas transformações espaciais e na vida cotidiana relacionadas diretamente e indiretamente com o turismo. O realce dessas cidades em comparação as outras cidades da Baixada Litorânea é reflexo de uma relação histórica econômica e espacial, onde o fluxo numeroso e crescente de turistas e empreendimentos vinculados ao turismo é uma forte expressão desse destaque.

O ABC turístico está localizado a cerca de 150 km da capital Rio de Janeiro. Arraial do Cabo e Búzios eram distritos de Cabo Frio até o processo de emancipação, respectivamente em 1985 e 1995. Logo, Cabo Frio faz fronteira com os dois municípios, historicamente exerce um domínio econômico no eixo e em toda região, antes a partir da produção de sal, e, a partir da segunda metade do século XX gradativamente a partir da economia do turismo, além de apresentar alguns serviços básicos mais desenvolvidos do que as outras cidades, sendo um centro regional.

A consolidação da economia do turismo no ABC turístico do interior do Rio de Janeiro passa pelo desenvolvimento da atividade em Cabo Frio que abrigava as outras cidades enquanto distritos e também por essa cidade ser um centro regional, desde a economia do sal nos séculos XIX e XX, contando com crescimentos e declínios, impactando diretamente as transformações espaciais e a vida cotidiana. No início do século XX há um movimento excursionista para Cabo Frio, procedente da cidade do Rio de Janeiro. A cidade era exposta a partir de matérias e anúncios em jornais cariocas, é um movimento ainda restrito que consegue expandir para anúncios de terrenos e chácaras. Até a década de 1950 a urbanização de Cabo Frio era concentrada nas proximidades da laguna, especificamente do canal do Itajuru que liga a laguna de Araruama até a Praia do Forte.

Esse fluxo de excursionistas cariocas era familiarizado com a praia enquanto um espaço de lazer, vide os exemplos de Copacabana, Leme, Ipanema, Leblon, Flamengo, entre

outros, já consolidados ou em processo de consolidação na primeira metade do século XX. A pouca expressividade da economia do turismo na cidade de Cabo Frio e nos seus distritos (formando o eixo ABC) era reflexo ainda da carência de infraestrutura, comumente questionada em jornais e revistas cariocas, com destaque para as críticas de Rachel de Queiroz⁴. A praia do Forte é definida como bonita, porém deserta, por Lamego ao observar os hiatos da urbanização de Cabo Frio. (LAMEGO, 2008; CHRISTÓVÃO, 2011; ALVES, 2011; RAMÃO, 2015)

No período entre 1950 - 1970 é possível visualizar um processo de transformações espaciais pontuais, a infraestrutura básica como água, esgoto tratado, pavimentação das ruas, acesso até a cidade de Cabo Frio e seus distritos, em linhas gerais, continuam com graves problemas. O fluxo de turistas cresce de forma exponencial, junto à propaganda nos jornais e revistas gradativamente ampliando da cidade do Rio de Janeiro para outras cidades e estados. Na década de 1950 surge a OGIVA – um bairro residencial na cidade de Cabo Frio fruto de um investimento de um grupo imobiliário do Rio de Janeiro, que irá se concentrar na produção de segundas residências. Búzios na década de 1960 ganha visibilidade pela visita da atriz francesa Brigitte Bardot e mesmo com toda a repercussão o distrito não irá receber investimentos em infraestrutura, serviços entre outros pontos da “urbanização turística” (CRUZ, 1999), seja pela escassa receita do primeiro distrito Cabo Frio e do interesse histórico e principalmente a partir da década de 1970 com condições materiais, em investir na urbanização de espaços próximos ao canal do Itajuru e da Praia do Forte. (RAMÃO, 2015, 2018; CHRISTÓVÃO, 2011)

A economia do turismo a partir de 1970 já amadurece na cidade de Cabo Frio, junto ao enfraquecimento da indústria salineira. É possível na década de 1970, principalmente após a construção da ponte Rio-Niterói em 1974, ter uma definição de alta temporada para grande parte da Região das Baixadas Litorâneas, nos meses de verão. Com o investimento na infraestrutura de acesso a frequência de turistas passa a ser maior, junto a moradores temporários, principalmente nas cidades que estão na beira da laguna de Araruama. Mesmo nesse momento, Cabo Frio apresenta grande destaque atraindo mais turistas, mais serviços, mais empreendimentos voltados ao turismo e o processo de verticalização se inicia, junto com o domínio dos condomínios e casas de luxo na beira da laguna, tendo como consequência

⁴Consultar CHRISTÓVÃO, 2011, que ainda retrata uma série de personalidades presentes na cidade de Cabo Frio na primeira metade do século XX.

direta a privatização dos espaços próximos do canal do Itajuru. (MELO, 2009) Arraial do Cabo e Búzios ainda distritos recebem um fluxo de turistas de menor pujança, principalmente nas suas praias.

A criação de um produto Cabo Frio nessa década já acontecia pelo anúncio em jornais e revistas especializadas de turismo ou os mais tradicionais a nível estadual e nacional, como O Globo e o Jornal do Brasil. A propaganda de uma cidade com belezas naturais, com lindas praias, dunas, espaços verdes, com tranquilidade, que serve ao lazer e descanso, era massiva e diferente dos anúncios do início do século especificamente em jornais de circulação da cidade do Rio de Janeiro, como O Correio da Manhã, voltados quase que exclusivamente ao excursionismo, atividade de visita de um dia para moradores da cidade do Rio de Janeiro na cidade do interior fluminense e em menor número para a venda de terrenos e chácaras. Nesse sentido, reforça-se a inclusão dos distritos, pois acrescia o número de praias e belezas naturais, mesmo com um esforço de concentração de investimentos no embrião do circuito turístico do primeiro distrito.

No final da década de 1960 e início da década de 1970 é possível identificar uma intensa propaganda turística sobre Cabo Frio no jornal *O Globo*. Na década de 1960 as matérias eram mais esparsas, contudo, ainda assim, também é possível encontrar propaganda dos hotéis da cidade no jornal e algumas poucas matérias sobre a atividade turística. No Caderno Especial de Turismo de 11/12/1969 a matéria sobre a cidade traz na sua última linha a seguinte frase “Fora o turismo, Cabo Frio vive hoje da pesca e da extração do sal”. A total inversão da importância dessas atividades para o município àquela época não deve ser visto aqui apenas como um equívoco de edição. Acreditamos que há aí uma atitude deliberada no ensejo de criar uma imagem e estabelecer uma relação entre Cabo Frio e ‘destino turístico’. Na década de 1970 a propaganda torna-se mais intensa, tanto por parte daquela evidentemente paga (propaganda de hotéis), quanto por parte daquelas possivelmente pagas (matérias sobre a cidade). De qualquer forma a propaganda tornava-se intensa e o Caderno de Turismo do jornal O Globo que circulava as quintas-feiras trouxe em todas as suas edições ao longo do mês de dezembro de 1970 as mais diversas matérias sobre a cidade. (CHRISTÓVÃO, 2011, p. 116)

O fim da década de 1990 possibilitou importantes transformações do turismo no mundo, maior comunicação com a televisão ao alcance de bilhões de pessoas, e, fundamentalmente da internet, tanto com o poder de divulgação e acesso à informação sobre as cidades, quanto a partir do desenvolvimento do sistema financeiro, da oferta de crédito, da ampliação das empresas aéreas, da melhoria da infraestrutura de acesso no litoral brasileiro, a partir de políticas estaduais e até mesmo de políticas nacionais de infraestrutura e de turismo,

como o PRODETUR em suas fases, que atuam principalmente no Nordeste brasileiro. (DANTAS, 2010)

No eixo ABC turístico do interior do estado do Rio de Janeiro a atividade turística já está consolidada pelo grande fluxo de turistas principalmente na alta temporada (meses de verão), feriados prolongados e férias de julho. Arraial do Cabo e Búzios já se tornaram cidades emancipadas, com destaque para Búzios, que constrói a orla Bardot no fim da década de 1990, principal ponto turístico da cidade, contando com lojas de roupas, moda praia, calçados, entre outros produtos, restaurantes, bistrôs, boates, entre outros espaços diversos, recebendo grande fluxo de turistas de argentinos e chilenos e grandes investimentos. A cidade gradativamente consolida o próprio circuito turístico no entorno da orla Bardot, concentrando atividades e espaços turísticos, e consolida um padrão de turistas com maior poder financeiro, tanto no consumo dos espaços turísticos, com restaurantes mais elitizados de todo o eixo e região, quanto no consumo de hotéis e resorts e residências secundárias de igual perfil.

A cidade de Cabo Frio passa por uma transformação intensa e radical, com a eleição de um grupo político em 1996, composto por Alair Corrêa e Marcos Mendes, que irá dominar o cargo de executivo com forte influência no legislativo por mais de 20 anos, que terá a receita municipal drasticamente modificada, com altos valores procedentes da economia dos royalties, como afirma PESSANHA (2015). Logo, a verba proveniente da exploração dos royalties do petróleo da Bacia de Campos será a base financiadora para transformações da infraestrutura na cidade de Cabo Frio, concentrada no circuito turístico a partir da praia do Forte até o Boulevard Canal, incluindo o centro da cidade, o bairro Braga e o bairro Passagem e posteriormente alcançando Shopping Park Lagos; terá importância no financiamento de grandes shows e eventos, concentrados no circuito turístico; na melhoria das vias de acesso até o circuito turístico e em menor intensidade na urbanização de outros espaços.

O projeto de cidade turística de alcance nacional e internacional passa a ser a meta do governo, contando com o crescimento das residenciais secundárias, alcançando em 2010 mais de 34 mil domicílios de uso ocasional (residências utilizadas para moradia temporária – segunda residência) e cerca de 10 mil domicílios vagos, nitidamente para fins de especulação imobiliária. A cidade de Cabo Frio passa a ser a sexta cidade no Brasil com maior número de residências secundárias, número maior, por exemplo, que todas as capitais do Nordeste, perdendo apenas para as capitais São Paulo e Rio de Janeiro, e, cidades da Baixada Santista.

Arraial do Cabo e Búzios, com o território e uma população⁵ mais reduzida que Cabo Frio apresentam números proporcionais impressionantes, assim como outras cidades da Baixada Litorânea (RAMÃO, 2018). A tabela a seguir comprova a potência dos domicílios de uso ocasional e de domicílios vagos no eixo:

TABELA 1: DOMICÍLIOS DE USO OCASIONAL E VAGOS NO ABC TURÍSTICO DO RIO DE JANEIRO - 2010

Municípios do ABC Turístico do RJ	Domicílios Totais e posição no estado do RJ (total de 92 municípios)	Domicílios de uso ocasional e posição no estado do RJ (total de 92 municípios)	Domicílios Vagos e posição no estado do RJ. (total de 92 municípios)
Cabo Frio	105.375 10º no ERJ	34.719 2º no ERJ	10.766 7º no ERJ
Arraial do Cabo	19.446 41º no ERJ	8.784 14º no ERJ	1630 47º no ERJ
Armação dos Búzios	17.842 42º no ERJ	6.642 20º no ERJ	1953 40º no ERJ

Fonte: RAMÃO, 2018 (adaptado)

Faz-se mister advertir que o processo de consolidação da economia do turismo, da urbanização turística e do crescimento dos domicílios de uso ocasional/residências secundárias que acontece na Baixada Litorânea, com destaque para o eixo ABC, se estende para outras regiões do litoral fluminense e também de São Paulo, com cifras e com dados de grande potência. Assim, além da metrópole do Rio de Janeiro e do eixo ABC turístico, destaca-se a região de Angra dos Reis e Parati no RJ, a região de Ubatuba em SP, e,

⁵ Cabo Frio em 2010 tinha uma população de cerca de 196 mil pessoas, enquanto Arraial do Cabo e Armação dos Búzios tinham cerca de 27 mil pessoas (IBGE, 2010) A população dessas cidades durante a alta temporada aumentava consideravelmente, cerca de quatro ou mais vezes em determinados períodos.

finalmente, a Baixada Santista, maior região do Brasil em número de domicílios de uso ocasional.

3.A PRODUÇÃO DA FÁBULA DO TURISMO

A fábula seria uma histórica contada, fantasiosa e no contexto específico da análise de SANTOS (2001) significa um momento de evolução da técnica, da ciência e informação, com ideias como “aldeia global”, de um mundo mais próximo e integrado na economia e na cultura, contando ainda com a evolução do transporte, com diversas possibilidades de consumo e de experiências.

Segundo Santos:

A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (SANTOS, 2001, p. 18-19)

A compressão do tempo e espaço (como trata Harvey, 1992) se manifesta de forma desigual, assim como o processo de globalização e a atividade do turismo, pois são processos procedentes do sistema capitalista. A proposta da fábula pode partir de elementos, processos e ações reais para um grupo e generalizar, como se o processo se estendesse e fosse democrático, ou partir de elementos fantasiosos, construindo um imaginário espacial e social. A mídia é o veículo central da propagação da fábula, reforçando o consumismo enquanto modelo de vida capitalista, que de fato é cimentado desde o início do século XX com o fordismo.

O consumo fordista inicialmente vinculado a produtos como o automóvel, alcança uma série de outros produtos, até se consolidar como um estilo de vida, transformando o consumo em consumismo. O espaço tomado enquanto um produto também está incluso nesse modelo de vida consumista, e produzir o espaço para o consumo se torna cada vez mais uma possibilidade para alargar a acumulação do capital. O espaço, os elementos do meio ambiente, a história, a cultura, a cidade e o campo passam a ser mercadorias. A evolução da técnica, da informação e comunicação das últimas décadas possibilitou a circulação maior de produtos,

de pessoas, do alcance da propaganda e decisivamente de uma transformação radical da propaganda, que em muitos casos parte de uma abordagem fantasiosa⁶.

A fábula em muitos casos de propagandas de cidades turísticas não possui comprometimento com a originalidade e com a veracidade, pois a preocupação na promoção do espaço turístico e de lucrar está à frente do compromisso com a verdade. Um exemplo disso é que os circuitos turísticos são ajustes espaciais da cidade para fins de acumulação e reprodução do capital, no contexto da economia do turismo, contudo são vendidos enquanto cidade na totalidade. A história pode ser ajustada, realçando alguns pontos, omitindo ou manipulando outros, a cultura pode ser recriada com iguais interesses econômicos. Conseqüentemente, percebe-se inúmeras cidades brasileiras autoproclamadas como alemães, italianas, finlandesas, entre outros exemplos que tem como representação o país europeu desenvolvido. E, assim eventos “tradicional” desses países referenciais passam a acontecer em várias cidades brasileiras (e de outras cidades do mundo), simulando uma cultura externa, que pode possuir mais ou menos contato e veracidade⁷.

Tratando especificamente do ABC turístico do Rio de Janeiro, é possível destacar: Arraial do Cabo – tratado também como Caribe brasileiro; Cabo Frio (RJ), comparada a Flórida nos Estados Unidos, pelas belezas naturais, infraestrutura e estilo de vida, em uma propaganda de um condomínio residencial (como aponta RAMÃO, 2015); Búzios (RJ) comparada aos balneários franceses, principalmente a partir da projeção na década de 1960 com a visita da atriz francesa Brigitte Bardot. O município reforça a propaganda a partir da

⁶É um tênis que melhora a autoestima ou proporciona uma corrida mais prazerosa, o telefone que une pessoas e que integra a pessoa ao mundo, e, no turismo isso significa construir cenários e conjunturas de cidades e espaços, como uma forma de atrair os turistas e até mesmo empreendimentos, estimulando sensações, desejos e possibilidades.

⁷[I] A Ocktoberfest⁷– festa tradicional alemã - atualmente acontece pelo menos em seis cidades brasileiras: Blumenau (SC), Balneário Camboriú (SC), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Olinda (PE) e Santa Cruz do Sul (RS) [II] Penedo (RJ)– a cidade filandesa do Brasil; Antônio Prado (RS) – a cidade mais italiana no Brasil; Pomerodi (SC) e Ivoti (RS) – cidades alemãs no Brasil; Maragogi (AL) caribe brasileiro, nesse caso, a referência de Caribe são as belezas naturais. [III] Os casos tratados por Cohen (2005) onde esculturas de macacos em Tonga tinham como referência o filme King Kong, gravado na ilha, onde não há macacos; e cidades na Tailândia que reproduzem a cultura dos cowboys do oeste dos Estados Unidos. [IV] Curitiba (PR) como uma cidade de “primeiro mundo”, ou seja, uma cidade que por suas características físicas e humanas, pela qualidade de vida, pela organização do espaço, aparenta ser uma cidade muito desenvolvida, encaixando-se nos padrões de um país desenvolvido, e, que obviamente merece inúmeras ponderações (como aponta Sánchez, 2010). É possível ainda mencionar espaços como restaurantes, bares, espaços culturais, em cidades turísticas que produzem um espaço com referências externas, como o caso do Café du Centre, que anuncia ser um pedaço de Paris em Santa Catarina, com uma decoração que remete a símbolos da história francesa.

construção da Orla Bardot, com eventos que exploram o cinema francês, entre outras referências.

O sentido da fábula para o ABC turístico do Rio de Janeiro se manifesta ainda de outras formas:

[I] a fábula do destino ideal, do paraíso, que se repete em muitas cidades litorâneas do Brasil explorando centralmente as praias. Contudo, há combinações específicas e no eixo em destaque há semelhanças e distinções: Arraial do Cabo apresenta belezas naturais exuberantes e explora essa condição, tem tido uma propaganda crescente, e, tem investido gradativamente, tendo em vista a limitação da receita municipal, em infraestrutura, tendo o maior investimento na Orla da Praia Grande. O Caribe brasileiro e a capital do mergulho se tornaram marcas importantes para a venda da cidade. Armação dos Búzios criou um amálgama entre as belezas naturais com a elitização do espaço, representado por eventos e festas elitizadas, serviços de diferentes origens com um alto padrão de qualidade e de alto valor. Cabo Frio fixa a sua fábula nas belezas naturais tendo como referência as praias, destaque para a Praia do Forte, mas também tendo as Praias do Perú e Conchas, a Ilha do Japonês, e ainda, o Boulevard Canal, enquanto espaço turístico, de lazer, esporte e espaço gastronômico.

[II] A fábula de um espaço de lazer próximo para quem mora na região metropolitana do Rio de Janeiro, logo a necessidade do lazer, do descanso, entre outras necessidades, soma-se a condição de proximidade, de um deslocamento de até 200 km, que mesmo sendo feito por muitas horas por conta dos engarrafamentos recorrentes⁸, impõe-se como um atrativo. A fábula de um paraíso próximo alcança diferentes classes sociais, que chegam ao eixo de carros, de ônibus, de helicóptero e avião, e, o turismo de proximidade possibilidade ter esse contato recorrente.

[III] A fábula de um espaço de lazer, com belezas naturais e qualidade de vida, para se ter uma residência secundária ou para aproveitar a aposentadoria com uma moradia fixa, essa fábula se estende para todas as cidades do eixo, que apresentam alto número de domicílio de uso ocasional, contudo o eixo do ABC turístico merece destaque para ampla oferta de residências, pelo alto valor do metro quadrado nas áreas mais valorizadas e grandes empreendimentos, estando em um estágio avançado em relação a outras cidades da mesma região. Essa fábula ainda convence aos investidores, que compram domicílios para aguardar

⁸Para aqueles que se transportam de carro ou ônibus, já que a cidade de Cabo Frio e Búzios apresentam alguns heliportos, usados principalmente na alta temporada.

uma valorização, para revender posteriormente, para manter enquanto um aluguel fixo ou ainda para utilizar como domicílios em aplicativos como o AIRBNB com aluguéis temporários.⁹ Definitivamente essa fábula exige uma condição financeira favorável, pois o domicílio de uso ocasional exige não só o valor para a compra, mas a manutenção, muitas vezes nas casas de luxo e mansões em Búzios conta com a presença de caseiros e segurança.

4.A PERVERSIDADE DAS CIDADES TURÍSTICAS

Mantencóm e Velasco (2020) fazem um questionamento assaz relevante: Por que falamos em overtourism quando queremos dizer capitalismo? Assim, o overtourism pode ser considerado como uma série de problemas e efeitos negativos causados pelo sistema capitalista, especificamente por um modelo de turismo de massa, que reproduz a lógica capitalista, em muitos casos da forma mais extrema, mercadológica e exploradora para a sociedade e meio ambiente. Essa forma de turismo tem gerado um processo de turismofobia, justamente o medo desse modelo de turismo, que inclusive é acompanhado por comportamentos inadequados dos turistas e aversão a esse tipo de turistas. Mantencóm e Velasco (2020) ressaltam o caso de Barcelona na Espanha como emblemático, por compreender tanto a crítica radical, quanto a turismofobia.

A raiz da desigualdade em uma cidade turística é a divisão de classes do capitalismo, uma característica essencial e basilar do sistema, que existe antes do turismo se tornar uma atividade econômica. Contudo, compreende-se que assim como em uma cidade industrial os espaços próximos a uma indústria poluidora podem se tornar desvalorizados, enquanto espaços com outras características podem ser valorizados, e, conseqüentemente pode ocorrer uma lógica de ocupação do espaço por classes distintas, compreende-se também que em uma cidade turística onde a modalidade dominante é a de sol e praia os espaços próximos à praia podem ser mais valorizados e inclusive receber uma série de infraestruturas públicas e serviços privados.

⁹Em uma busca para uma hospedagem em casas, hotéis e similares no site da Booking.com para o período de carnaval do ano de 2022, mesmo em um cenário pandêmico, constatou-se 61 hospedagens em Armação dos Búzios onde a diária está entre 960 reais e 1260 reais, e, 64 hospedagens onde a diária apresenta o valor superior a 1260 reais. Algumas casas na beira da praia do Canto em Armação dos Búzios apresentam a diária de 3 mil reais no fim do ano em pacotes de réveillon, algumas casas avaliadas de 2 milhões à 7 milhões, onde os donos moram em outros estados e outros países e frequentam pouco a residência, segundo caseiros. Esse tipo de valor exorbitante se repete em hotéis. Fonte: www.booking.com ; www.zapimoveis.com acesso em 15 de janeiro de 2022.

Obviamente que não há uma regra onde toda a praia será valorizada, até porque a mudança do valor econômico e do uso social da praia passou por uma grande transformação, e, ainda, qualquer análise de valorização ou desvalorização da praia em uma cidade deve ser amalgamada com a análise do processo histórico de urbanização, da ocupação do espaço, das relações de poder, do acesso até a praia e da possibilidade de permanência com qualidade, entre outros fatores. Portanto, nesse último caso é importante reforçar uma lógica de ocupação por classes do espaço da cidade turística de sol e praia a partir da praia enquanto referência no circuito turístico, que não significa ter a presença dessa lógica em todas as praias da cidade.

Nem todos os problemas e efeitos negativos são compartilhados integralmente por toda a cidade turística, assim como o desenvolvimento da economia do turismo, da produção do espaço turístico e das relações sociais na cidade turística possui diferentes gradações e formas. Pearce (2001) traz elementos complementares, especificamente da relação entre turistas e residentes: [I] a existência da diferença social, econômica e cultural entre turistas e residentes, em linhas gerais [II] os impactos dos turistas, principalmente em relação aos residentes de cidades pequenas [III] o conflito nos espaços de vivência e lazer para o residente e que são de lazer para o turista, nesse sentido poderíamos ainda estender a análise para comparar o significado afetivo dos espaços para os residentes e para os turistas, além dos usos e do valor dos espaços.

Utilizando dos pontos citados por Mantecón e Velascos (2020) destacaremos os impactos negativos ou como denominamos “a perversidade nas cidades do ABC turístico das Baixadas Litorâneas do Rio de Janeiro”, dividindo em dois blocos:

[I] O encarecimento de espaços, dos serviços e produtos junto à alteração do ritmo e da forma de vida social. Os espaços inclusos no circuito turístico das cidades do eixo ABC turístico passam a ser cada vez mais valorizados, o valor do metro quadrado é alto¹⁰, os empreendimentos imobiliários são os mais caros da cidade. A disputa pelo espaço no circuito turístico é grande, em Cabo Frio entre a Praia do Forte e o Boulevard Canal, incluindo principalmente o bairro da Passagem e o Novo Portinho; em Búzios principalmente nas proximidades da Orla Bardot, praia de Geribá, entre outras praias que são dominadas por empreendimentos residenciais e rede hoteleira, em alguns casos em Búzios¹¹ determinados

¹⁰ É possível constatar essas diferenças entre valores de metro quadrado a partir de consultas em sites do ramo imobiliário, onde os valores dos imóveis aparecem como referência.

¹¹Entende-se que apesar de ter um grande foco na Orla Bardot e proximidades o circuito turístico de Búzios apresenta uma descontinuidade, com o processo de ocupação de classes mais abastadas, de grandes

espaços possuem um difícil acesso, em áreas mais elevadas, por exemplo. Nesse sentido o poder público é fundamental para ajustar o espaço para fins de acumulação do capital, beneficiando determinadas frações de capital, removendo a população pobre localizada em área de interesse imobiliário, comercial e turístico.

O custo de vida principalmente na alta temporada nas cidades do eixo passa a ser ainda mais caro do que o padrão nessas cidades (que já é alto). Além de ter o valor elevado, principalmente nos produtos e serviços no circuito turístico, a alta temporada com grande fluxo de turistas também significa grandes dificuldades em fazer compras no supermercado, de ir ao banco, padaria, farmácia ou até mesmo de transitar nessas cidades e entre essas cidades, já que há um movimento constante de turistas entre as cidades do eixo. Junto a isso o ritmo da vida cotidiana é alterado com o fluxo de turistas, sobretudo, em um ritmo de férias, enquanto grande parte dos residentes mantém a rotina de trabalho, por exemplo. As cidades de Arraial do Cabo e Búzios por ter uma extensão territorial menor, com ruas mais estreitas e áreas de praias em alguns casos com carência de infraestrutura, apresentam uma mobilidade ainda mais restrita para grande parte dos turistas e residentes.

[II] O trabalho cada vez mais precário, informal e de baixa remuneração. Nas cidades do eixo temos a formação e consolidação de uma mão de obra precária, informal, intermitente, com a média salarial baixa, com uma longa jornada de trabalho, em alguns casos com condições insalubres. RAMÃO & MELO (2020) destacam o precariado da Praia do Forte, apontando as condições de trabalho na principal praia de Cabo Frio, contudo esse exemplo pode ser facilmente estendido para Arraial do Cabo e Búzios.

O precariado da praia do Forte é majoritariamente localizado em bairros mais pobres da cidade, desde mais próximos da praia, como Buraco do Boi, Favela do Lido e Morubá, até os localizados na maioria dos casos de 3 km a 6 km, como Gamboa, Jacaré, Porto do Carro e Boca do Mato. Em geral por volta das 6:30 da manhã, o dia do precariado da praia inicia com a chegada de equipamentos, cadeiras, guarda-sóis, entre outros objetos, que já definem o território de cada barraca. (RAMÃO, & MELO, 2020, p. 165)

A precarização do trabalho é tratada como um processo que tem se aprofundado a partir das décadas de 1970 e 1980 com a substituição do homem pela máquina, com a transformação da lógica de produção, com a retração e com mudanças do setor industrial, e, com o avanço do setor de serviços, junto à terceirização, a economia informal e o amplo

empreendimentos imobiliários e da rede hoteleira, de espaços próximos de algumas praias da cidade, gerando a privatização de muitos espaços e um alto valor do metro quadrado.

desemprego. Assim, o precariado seria uma parcela da classe trabalhadora que mais é explorada e apresenta as piores condições de trabalho e direito (ANTUNES, 2018). Em alguns casos a escassez de oferta de emprego é tão dramática que a servidão moderna se torna um privilégio, como aponta Ricardo Antunes em “O privilégio da servidão”. O autor faz uma importância radiografia do trabalho e dos trabalhadores precarizados nos tempos atuais:

As cidades turísticas cada vez mais tem tornado esse modo de trabalho precário uma regra e de fato não é um estado atual, é uma condição histórica atrelada às bases do turismo capitalista sob a lógica de mercado, onde a exploração da natureza, em muitas modalidades, unifica-se à exploração do trabalhador. O trabalho no ABC turístico tem seguido esse modelo, deixando visível uma característica de parte de cidades turísticas do litoral brasileiro que tem o sol e a praia como pontos centrais: a dependência dos meses de verão e dos feriados prolongados para conseguir trabalhar e juntar dinheiro para sobreviver na baixa temporada, onde a economia do turismo se retrai, a cidade diminui drasticamente a população flutuante, e, os postos de trabalho se tornam escassos. Esse efeito sanfona da economia do ABC turístico reforça o modelo de contratação temporária, em muitos casos, de contratação por curtos períodos, como um fim de semana prolongado, onde não há nenhum direito e nenhum vínculo trabalhista. (RAMÃO; MELO, 2020)

A violência também é um ponto da perversidade do eixo Cabo Frio, Arraial do Cabo e Búzios. De 2000 até 2016, quando o eixo tem altos fluxos de turistas, onde a receita principalmente de Cabo Frio aumenta vertiginosamente, e, quanto vários empreendimentos se instalam nas cidades, o índice de violência alcança números alarmantes. Há uma variação no período, contudo, Búzios e Cabo Frio, assumem a taxa de mais de 50 homicídios a cada 100 mil pessoas, o que já é um dado grave, já em Arraial do Cabo o índice fica em cerca de 30 homicídios a cada 100 mil pessoas em parte do período em destaque. Em 2005 e 2007 Búzios atinge uma taxa de mais de 90 homicídios a cada 100 mil pessoas, já Cabo Frio aparece em primeiro lugar no mapa de violência no estado do Rio de Janeiro, com dados entre 2010 e 2012, e a única cidade do estado a constar no ranking dos 100 municípios brasileiros, com mais mortes por arma de fogo. (WASELFISZ, 2013) Em relação ao homicídio de jovens na faixa etária de 15 a 29 anos entre 2000 e 2016 (também pelo IPEA), enquanto Arraial do Cabo mantém uma taxa que chega ao máximo a 8 jovens mortos a cada 100 mil jovens, e Búzios chega ao máximo de 15 jovens mortos a cada 100 mil, mas mantendo a taxa próxima a 10 jovens mortos, a cidade de Cabo Frio tem a taxa de acima de 50 jovens mortos a cada 100

mil habitantes desde 2001, chegando acima de 70 entre 2007 e 2009, com a taxa de 93 jovens mortos a cada 100 mil em 2014, o que de fato, pode levar a diversas análises de ausência de políticas públicas para o jovem, fortalecimento da rede de tráfico de drogas, envolvendo principalmente os jovens, antes e depois da implantação das UPPs no Rio de Janeiro, que supostamente incentivaram a migração de bandidos para o interior.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS POSSIBILIDADES PARA O TURISMO E PARA AS CIDADES TURÍSTICAS

Novamente, teremos a parcimônia em distinguir o que são medidas, propostas e ações para a economia do turismo e para as cidades turísticas, por entender a diferença entre pontos específicos para o setor e pontos mais amplos, que envolvem o Estado, políticas públicas, projeto de desenvolvimento, entre outras questões. As principais críticas ao turismo na lógica de mercado, identificado como turismo de massa, são: a falta de controle e de regulação dos fluxos turísticos, a falta de infraestrutura para atender ao turista de forma satisfatória, a alimentação de um modelo econômico e espacial concentrador e desigual, estimulando o recorte espacial da cidade, a seleção de espaços para altos investimentos públicos e privados, junto à privatização e elitização dos espaços, gerando alto custo de vida e uma série de empecilhos para a rotina de vida, para o trabalho e para o direito à cidade dos residentes.

Entende-se que é preciso repensar o modelo de Estado mínimo que interfere na economia e no espaço para atender prioritariamente os interesses de frações da classe dominantes, forjando uma neutralidade ou uma intervenção mínima na economia, o que é incorreto. Quando o poder público, do governo municipal até o governo federal, cria mecanismos e políticas que favorecem grandes empresas e prejudicam a população mais pobre é uma forma objetiva de intervenção. No eixo do ABC turístico podemos ressaltar exemplos que são estendidos a outras cidades do litoral brasileiro dominadas pelo turismo de sol e praia e por residências secundárias: [I] As remoções de população pobre nas áreas de interesse turístico e imobiliário, que auxiliam diretamente a uma nova ocupação de uma fração de classe distinta; [II] O enfraquecimento de políticas para a atividade da pesca e da atividade salineira, que de fato tentaram disputar espaços com o turismo (serviços, rede de hotéis, condomínio residenciais) [III] Políticas de privilégios e benefícios de grandes empreendimentos, como doação de terrenos e isenção de impostos para a construção de condomínios residenciais, como o condomínio Moringa em Cabo Frio, ou ainda a intervenção

para a aprovação de projetos com grandes impactos ambientais, como resort em Búzios e Arraial do Cabo.

O projeto de desenvolvimento precisa alcançar não só o econômico como o social, pois quando o desenvolvimento se restringe a uma questão quantitativa do campo econômico, atendendo ao crescimento de um número, sem preocupação na distribuição da riqueza, torna-se um mito, ou seja, o privilégio de uma elite, como apontou Celso Furtado na década de 1970. Contudo, nas últimas décadas há autores que ainda inclui uma série de elementos que devem compor o desenvolvimento, como a questão ambiental e até mesmo a questão da liberdade. (SACHS, 2002; SEN, 2005) O Estado precisa ser o agente fundamental da produção do espaço, da organização do espaço e do planejamento do turismo, criando políticas que valorizem as potencialidades turísticas das cidades, estados e países, e, ainda, é preciso uma administração pública que dialogue com outras escalas (regional, estadual, nacional e internacional) e principalmente dialogue com a população.

No ABC turístico há uma dificuldade histórica de comunicação entre as cidades do eixo e da região. Destacamos o eixo, como já dito, por compreender a similaridade e complementaridade dessas cidades e a possibilidade de fortalecimento da atividade econômica, de políticas conjuntas e até mesmo de maior diálogo com o governo do Estado, já que historicamente a cidade do Rio de Janeiro é extremamente concentradora, de políticas, investimentos, renda, entre outros pontos. É preciso expandir as modalidades de turismo do ABC turístico, pois há potencialidades do eixo pelo menos para evoluir no turismo de negócios, no turismo de aventuras ou ecoturismo e no turismo histórico e cultural, sobretudo alcançando mais espaços da cidade, alargando o circuito turístico. É preciso impulsionar atividades produtivas locais, como a produção da moda praia, e, articular a pesca artesanal, com eventos de culinária da pesca, de uma forma que transforme a população local em parte do processo de organização desses eventos e não como classe trabalhadora superexplorada, logo, presume-se um diálogo com as colônias de pescadores.

Borja & Castells (1997) apontam como possibilidade a inovação democrática, que se enquadraria na nova forma de governo trabalhada pelos autores, a partir da gestão participativa, do planejamento estratégico e da produção da cidade turística enquanto empreendedora. Para os autores, o governo local seria capaz de dar respostas para os atuais desafios urbanos.

La innovación democrática es, probablemente, el aspecto más interesante del papel que asumen progresivamente los gobiernos locales. Creemos que esta obligación innovadora responde a tres retos distintos: el de la participación ciudadana, el de la cooperación social y el de la integración de las políticas urbanas. (BORJA & CASTELLS, 1997, p. 154)

A inovação democrática conseguiria criar um movimento de participação dos cidadãos. O governo local criaria os mecanismos dessa participação e estimularia a participação dos cidadãos. A inovação democrática parte de um princípio que nenhuma ação unilateral deve sobrepor decisões coletivas, nem decisões unilaterais do governo nem decisões unilaterais do mercado. A cooperação social está diretamente articulada com a inovação democrática, pois trata principalmente de problemas e questões comuns entre os cidadãos, portanto tendo um interesse coletivo, como segurança, meio ambiente, atividades culturais, entre outros. E uma série de questões e problemas, inclusive como os já citados, não pode ser encarada a partir de setores estanques do governo e sem comunicação. (BORJA; CASTELLS, 1997) Pode-se imaginar a cooperação social entre as cidades do eixo, de diferentes formas.

Há muitos desafios para alcançar esses pontos tendo como campo de análise as cidades brasileiras, por uma série de questões sociais, históricas e culturais, que em muitos casos as distanciam das cidades europeias, que são os exemplos centrais de Borja e Castells. Ao mesmo tempo, é possível também acreditar que alguns desafios possam ser superados. Há obstáculos e entraves da inovação democrática, já percebidos em experiências brasileiras e também considerando o eixo do ABC turístico:

[I] A participação da população não pode ser manipulada pelo governo local, nesse sentido pode ter uma seleção dos pontos que serão debatidos e votados, uma espécie de participação controlada, tornando-se um problema quando o governo oferta pautas de pouco impacto e pouco interesse para a apreciação de toda a população, não discutindo pautas estratégicas e de interesses do governo ou de aliados. Há ainda a possibilidade de transformar a participação da população em consultiva e não deliberativa, de tornar audiências públicas improdutivas, colocando em espaços inóspitos, em dias e horários inviáveis para a participação popular limitando a participação da população por representantes de bairros ou organizações.

As audiências públicas ou eventos de participação da população que são aparentemente protocolares iludem a existência de uma inovação democrática, e, reproduzem uma gestão autoritária com uma nova roupagem, ainda sendo antidemocrática e articulada

com os interesses das classes dominantes. No fim, nesses casos, as decisões e os rumos da cidade a partir do planejamento estratégico continuam a replicar os mesmos processos e interesses historicamente vigentes, contudo a partir de novos meios. Esse ponto atende não só a inovação democrática como a cooperação social, que pode ser igualmente forjada, tendo os mesmos resultados. A inovação democrática passa a ser a ilusão democrática.

[II] Quando o governo a partir de consultorias ou equipe própria utiliza da tecnologia para criar formas de participação da população, como na criação de aplicativos que auxiliam na gestão participativa e não garantem a participação de toda a população. Dessa forma, a partir do celular a população teria acesso a pautas da gestão pública e poderia auxiliar e participar das decisões. Hoje no Brasil existe um grande número de cidades que se utilizam de alguma forma tecnológica para incentivar a participação da população, partindo da ideia da popularização do celular. Novamente há obstáculos nítidos: primeiramente a falta de acesso à internet de parte da população, mesmo com o amplo acesso ao celular, e, obviamente que isso tem uma variação nas cidades brasileiras; posteriormente, a limitação de pautas, o valor apenas consultivo em alguns casos e a relação individual com problemas coletivos.

[III] A ausência do debate qualificado sobre os problemas, o que é mais uma dificuldade na gestão participativa. Muitos temas importantes não estão ao alcance de toda a população, assim falta discernimento sobre o problema ou a questão, falta compreensão dos impactos na vida das pessoas, no espaço ou no meio ambiente. Logo qualquer mecanismo que esvazie a possibilidade de explicação para a população dessas questões mais profundas e se fixe em uma votação simples não qualifica a participação da população. Em muitos casos a falta de compreensão de parte da população sobre uma questão específica pode servir de base para a manipulação e para votação de pautas que verdadeiramente não atenderão o coletivo ou que terão graves impactos socioambientais, por exemplo. A audiência pública possibilita o contato com mais pessoas, em muitos casos, dialogar com opiniões e análises distintas sobre o mesmo problema, já o voto no aplicativo pode simplificar a discussão.

Mesmo com os entraves é preciso buscar formas distintas e mais amplas de desenvolvimento, que inclua o turismo enquanto uma atividade econômica que possibilite uma melhor qualidade de vida para a população residente, que valorize o espaço sem a agressão latente ao meio ambiente, que transforme a população em um agente que seja parte do processo de construção do modelo de cidade turística e que não torne a população (principalmente a parcela mais pobre) expectadora do processo. E, que o turismo possa estar

vinculado a outras atividades produtivas e ainda que seja um componente da economia local, e, não a atividade única, para não criar uma forte dependência, já que se entende que o turismo é uma atividade vulnerável. A inovação democrática, a gestão participativa, a cooperação social, possibilitam inclusive que a decisão do que é turístico e o que necessita de investimento se concentre nas mãos de poucos, ou esteja diretamente influenciada pelos anseios e necessidades de frações do capital, como o mercado imobiliário, a rede hoteleira e o setor de serviços vinculados ao lazer.

E ainda é possível salientar que o fato do eixo possuir um forte número de domicílios de uso ocasional, ou seja, de uma população temporária frequente, ajuda no planejamento de políticas públicas para o setor e do próprio modelo de desenvolvimento, já que há uma frequência contínua de “turistas temporários” por conta desse vínculo que é de suma importância¹², logo, torna-se difícil ter grandes variações de fluxo de turistas em condições normais.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, R. O privilégio da servidão. São Paulo, Boitempo, 2018
- ALVES, M. Rua da Silva. Conjunto paisagístico de Cabo Frio. In: XII SIMPURB, Belo Horizonte, MG, 2011.
- BORJA, J. ; CASTELLS, M. Local y global. La gestión de las ciudades en la era de la información. Madrid, United Nations for Human Settlements/Taurus/Pensamiento, 1997
- CHRISTÓVÃO, J. H. de O. *Do sal ao sol: a construção social da imagem do turismo em Cabo Frio*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Políticas de turismo e (re) ordenamento de territórios no Nordeste do Brasil. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1999.
- DANTAS, E. W. C. et al. Turismo e imobiliário nas metrópoles. Rio de Janeiro, Letra capital, 2010.
- GEORGE, P. O meio ambiente. São Paulo: Difusão Européia do livro, Saber Atual, 1973
- LAMEGO, A. R. *O homem e a restinga* – Rio de Janeiro. Edição fac-similar . Rio de Janeiro: IBGE, 2008 [1946].

¹² A compra de uma residência secundária é um grande investimento, que obviamente pode ter diferentes custos, a partir do valor do imóvel e da manutenção, e, ainda, uma escolha de um espaço onde a grande tendência é manter uma relação de frequência, seja visitando em temporadas específicas, feriados prolongados e finais de semana.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. *Espaço e Política*. Editora UFMG, 2008.

MANTECÓN, A.; VELASCOS, M. Beyond Tourismphobia: Conceptualizing a New Framework to Analyze Attitudes towards Tourism". In: C. Ribeiro, A. Quintano, M. Simancas, R. Hueteand Z. Breda (eds.) *Handbook of Research on the Impacts, Challenges and Policy Responses to Overtourism*, Hershey, USA: IGI Global, 2020.

MELO, E. S. O. de. Gênese da urbanização turística em Cabo Frio (1950 – 1978). XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, 2011.

PEARCE. P. L. A relação entre residentes e turistas: Literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: THEOBALD, W, F. *Turismo Global*. Editora SENAC, São Paulo, 2001.

PESSANHA, Roberto Moraes. A ampliação da fronteira de exploração petrolífera no Brasil é parte da geopolítica da energia: oportunidades e riscos de inserção global em meio às novas territorialidades regionais e ao desafio da abundância na economia dos royalties no Estado do Rio de Janeiro. *Revista Espaço e Economia*, Rio de Janeiro, 2015.

RAMÃO, Felipe de Souza. A mercantilização do meio ambiente na cidade de Cabo Frio a partir dos fundamentos de Pierre George. 2015, 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UERJ FFP, São Gonçalo, 2015 a.

_____. A urbanização turística no eixo Cabo Frio - Arraial do Cabo - Armação dos Búzios do Rio de Janeiro: A fábula e a perversidade. ENG, Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa, Paraíba, 2018.

_____. Reestruturação econômica e regional do Rio de Janeiro: Uma análise sobre a Região dos Lagos. ENANPEGE – Geografia, ciência e política. Porto Alegre, 2017.

RAMÃO, F. de Souza; MELO, M. V. Nascimento de.O Precariado da praia na cidade turística de Cabo Frio – RJ. *Cadernos de Desenvolvimento Fluminense*, número 18, Rio de Janeiro, 2020.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. 2ª edição, Editora Argos, Chapecó, 2010

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: EDUSP, 2008

_____. *Por uma outra Globalização*. Editora Record, 6ª edição, São Paulo, 2001.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2005.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2013: mortes matadas por arma de fogo*. CEBELA; 2013.